

A Hospitalidade nos eventos de motivação política¹

Maria Cláudia Setti de Gouvêa Franco²

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

O estudo dos conceitos e dos rituais não escrito de Hospitalidade, como possível ferramenta de comunicação que promove aproximação no âmbito dos eventos de políticos promovidos por um determinado partido na preparação de candidatos e coordenadores de campanhas eleitorais no período que antecede as eleições para deputado estadual e federal em 2006, em determinado município do Grande ABC Paulista, tem por objetivo identificar a presença de indicadores que caracterizem a presença da hospitalidade como forma de dádiva, e da economia dos bens simbólicos nestas ocasiões, como recursos possíveis na restauração e formação dos vínculos intrapartidários e interpartidários que sustentam a teia de relações que formam a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Hospitalidade. Eventos de motivação política. Política. Dádiva. Bens Simbólicos.

Este estudo se propõe a analisar como se estabelecem os vínculos entre candidatos a cargos políticos eletivos de natureza estadual e federal na esfera intrapartidária e interpartidária, por meio do acompanhamento de dois candidatos de um determinado município do Grande ABC Paulista, que concorreram às eleições de 2006.

Entendendo que estes vínculos se formam por meio de trocas essencialmente simbólicas situadas no âmbito do paradigma da dádiva, a proposta foi observar de forma sistemática, a partir de categorias de análises pré-definidas no referencial teórico, o comportamento dos candidatos nos seus respectivos comitês eleitorais e nos eventos de motivação política.

¹ Trabalho apresentado ao GT Outras Interfaces - Contribuições à construção do campo teórico do *IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*.

² Mestranda Maria Cláudia Setti de Gouvêa Franco do Programa de Mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Profa. Dra. Sênia Bastos.

O desafio da pesquisa reside na tentativa de identificar a hospitalidade como uma das possíveis formas de dádiva na formação dos vínculos partidários e nas alianças estabelecidas, uma vez que essa troca pode se caracterizar como uma forma de circulação da dádiva.

Martins e Campos (2006) e Coelho (2006) tratam o percurso da construção teórica da dádiva realizada por Mauss (1974) e constituem importante referência para a problematização da dádiva, cujas categorias de análise presentes nesse estudo também foram apoiadas nas leituras de Lévi-Strauss (1974), Bourdieu (1977), Godelier (2001), Godbout (1999) e Caillé (1999). Camargo (2004) e Grinover (2006) tratam o percurso da construção teórica da hospitalidade. Destaque-se ainda o conceito de cordialidade de Holanda (1995), cotejado com a abordagem da hospitalidade ao que se refere aos papéis desempenhados pelos políticos no âmbito desse estudo.

Outro conceito a ser analisado para se compreender a dinâmica das relações entre: os indivíduos, os indivíduos e as instituições, as instituições e a sociedade como um todo e no caso específico, o candidato, seus colaboradores e o partido, é o conceito de político. Bobbio (1987) e Bauman (1999) tratam o percurso da construção teórica do conceito de política e fundamentaram a análise desta dissertação.

A partir da percepção da presença e influência da cordialidade na política brasileira (HOLANDA, 1995), estudar como se estabelecem os vínculos de natureza política, ganha uma nova dimensão tanto histórica, quanto simbólica. Histórica, por refletir procedimentos sócio-culturais que venceram as barreiras do tempo perpetuando a forma de fazer política até os dias de hoje e simbólica, por entender que os vínculos que se formam por meio dessas trocas, assim acontecem por estarem situados no âmbito do paradigma da dádiva.

No contexto político é possível identificar a dádiva ao observar o sistema de trocas em eventos políticos realizados pelo poder político local, pelos partidos, por instâncias civis e representativas de naturezas diversas e outros, para definição de candidatos e consolidação das candidaturas. É também possível encaminhar a discussão levando-se em consideração que a definição dos candidatos se orienta pela troca de dádiva, representada pelo capital simbólico do candidato, que nesse caso se manifesta por seus potenciais votos, e pela possibilidade de fortalecimento do partido, por meio da vitória nas urnas. Todavia, destaque-se o aspecto incerto do pleito. Ao abrir espaço para um candidato que troca de legenda, o partido aposta na capacidade desse candidato de trazer por meio do seu carisma pessoal e prestígio, votos para a

legenda, sem garantia alguma de vitória, o que caracteriza a circulação da dádiva. Cabe também destacar a potencialidade de análise dessa modalidade de candidatura por meio da teoria dos bens simbólicos de Bourdieu (1996).

A prática da hospitalidade perpassa a passagem de um candidato de um partido político para outro. Ao ser recebido em outro partido aquele que lá ingressa, se torna devedor estando sujeito às regras do seu anfitrião. Aproveitando as mudanças de partido comuns aos períodos que antecedem as campanhas eleitorais, aonde as fronteiras do espaço do outro se tornam mais fluidas, eventos de natureza política vão se tornando mais frequentes, enquanto possíveis ferramentas de comunicação que viabilizam o espaço adequado para o jogo político.

A metodologia da pesquisa pautou-se na observação participativa de eventos de motivação política e análise dos jornais. A primeira etapa priorizou a observação dos lugares de hospitalidade, espaços reservados para prática política, escritórios, locais de reunião etc., seguida pela observação participativa nos eventos da campanha e pela análise dos locais onde se desenrolavam os eventos. Buscou-se também identificar para quem eram organizados esses eventos eleitorais, ou seja, o público alvo.

A segunda etapa teve por objetivo a observação dos sujeitos da pesquisa. Primeiro os dois candidatos, de partidos distintos em suas respectivas candidaturas a deputado estadual e a deputado federal. Os candidatos foram identificados como, candidato 1 a deputado estadual, pelo partido X, e candidato 2 a deputado federal pelo partido Y. Em um segundo momento a pesquisa se dedicou a outros sujeitos como: liderança política local; coordenador das campanhas; assessores, familiares e profissionais; colaboradores, amigos e profissionais; lideranças de bairro; cabos eleitorais; militância e a máquina administrativa municipal na formação e sustentação dessa rede de vínculos políticos.

Optou-se pela observação de uma "dobrada", pelo fato de caracterizar o vínculo político estabelecido entre dois candidatos de partidos distintos, para deputado estadual e a deputado federal. A observação participativa que teve por objetivo identificar a presença da hospitalidade nos eventos de motivação política foi dividida em duas fases. A primeira fase que antecede a campanha eleitoral foi dedicada à observação dos escritórios políticos e comitês eleitorais, como espaços de hospitalidade. A segunda compreendeu o acompanhamento dos eventos de motivação política. Foram observados 25 eventos, no período de 03/08/06 a 29/09/06, todos eles organizados para fortalecer a rede de vínculos dos

candidatos com seus colaboradores e eleitores, capacitando-os para ampliar a extensão dessa rede.

A leitura sistemática dos jornais o Grande ABC e o Estado de São Paulo forneceu subsídios para a compreensão do pleito eleitoral no período estudado. Uma primeira abordagem analítica dos editoriais, colunas e artigos sobre o tema, conduziram a seleção dos articulistas que pudessem contribuir para uma melhor compreensão do quadro político. A análise do material pré-selecionado tomou por base as categorias hospitalidade, cordialidade e bens simbólicos, tendo sido analisados os artigos que contemplaram no mínimo duas das categorias, o que também foi contemplado nas manchetes e reportagens, abrindo uma nova perspectiva para a abordagem em relação à força dos jargões políticos.

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos, sendo que o primeiro trata do referencial teórico da pesquisa que fundamenta os conceitos de hospitalidade, como uma possível forma de dádiva, política e eventos. O caminho percorrido para estudo da hospitalidade teve como ponto de partida a reflexão do conceito de dádiva, presente nas formas de troca e na criação de vínculos.

O segundo capítulo descreve o percurso metodológico da pesquisa de campo no período que compreende o ano eleitoral de 2006. Para cada fase da pesquisa foi utilizada uma metodologia específica. A observação fundamentou-se no referencial teórico para a análise da hospitalidade nos comitês, locais onde se processaram as reuniões e eventos políticos. Contemplou-se ainda a metodologia da seleção e análise diária dos jornais Diário do ABC e O Estado de São Paulo como fontes da pesquisa.

A análise geral do conteúdo dos artigos, das reportagens sob o paradigma da dádiva da hospitalidade, cordialidade e economia dos bens simbólicos, e o estudo dos jargões políticos presentes nos periódicos encontra-se reunida no terceiro capítulo. O material foi analisado em três blocos, o primeiro bloco corresponde à análise dos articulistas e seus respectivos artigos, selecionados por apresentar aderência às categorias pré-estabelecidas a partir do referencial teórico; o segundo bloco se ocupa de analisar a presença da hospitalidade nos jargões políticos e outros termos a partir da sua incidência na imprensa escrita no período da campanha; o último bloco analisa o perfil dos sujeitos da pesquisa e a influência das características pessoais nas atitudes dos sujeitos, determinando procedimentos hospitaleiros capazes de criar vínculos política.

A reflexão sobre a dádiva, originalmente estudada tendo como universo principal às sociedades tribais, acompanha a história do pensamento antropológico, servindo de base para a discussão da natureza da vida social e as formas de compreensão da alteridade (COELHO, 2006).

Segundo Mauss (1974) o paradigma da dádiva é o fundador da sociabilidade humana. A produção e reprodução dos laços sociais resultam em obrigações recíprocas, porém nunca calculadas, que se expressam na troca daquilo que pode ser um dote natural ou não. Tal reflexão caminha no sentido de ressaltar a importância da dádiva nas relações humanas, por permitir o estreitamento da relação do eu com o outro, estabelecendo alianças alicerçadas no tripé da livre obrigação do dar, receber e retribuir. Para compreender o pensamento de Mauss é necessário enfatizar a influência de Durkheim em sua obra: o caráter da teoria da dádiva como um sistema de obrigações coletivas, que se encontram relacionados ao universo da experiência e da liberdade individual.

Os trabalhos desenvolvidos por Durkheim surgiram em grande parte do diálogo entre pensadores franceses e ingleses acerca das mudanças sociais ocasionadas pela ascensão do individualismo, do declínio da sociedade religiosa e das formas tradicionais de autoridade e do estabelecimento do mercado como principal intermediário das relações humanas (MARTINS, 2006, p. 67).

A dádiva contribui para a revalorização das experiências diretas entre as pessoas, grupos, comunidades e para a organização de sistemas de pertencimento (MAUSS, 1947). Nesse sentido, apresenta-se relevante para o estudo da formação dos vínculos de motivação política uma vez que tais vínculos encontram-se sujeitos às relações pessoais dos candidatos.

Uma das contribuições centrais de Mauss (1947) foi demonstrar que o valor das "coisas" não pode ser superior ao valor da relação entre as pessoas e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Essa contribuição deriva de sua reflexão acerca da natureza das transações humanas, com a análise da dádiva inserida no estudo do direito e da economia. O fato social inclui todos os fenômenos humanos, tanto de natureza econômica, quanto cultural, política, religiosa e outros, sem a definição de hierarquia ou prioridade no surgimento de uma obrigação moral individual ou coletiva, dada a complexibilidade de motivações e modalidades de interações que envolvem os grupos e os indivíduos.

"[...] por que as coisas dadas são retribuídas? O exame deste problema define os rumos da investigação empreendida por Mauss. A chave para acompanhá-la está em uma aparente contradição [...] (COELHO, 2006, p. 21)". A livre obrigação do dar, receber e retribuir se apresenta teoricamente voluntária, mas na realidade é obrigatoriamente dada e retribuída. A essa reflexão de Mauss (1924) seguiu-se a discussão de três problemas: o caráter animado da coisa dada, a relação entre coisas e pessoas e a distinção entre o sistema da dádiva e a troca mercantil.

Ao revelar a complexidade dos sistemas de trocas e de constituição de alianças, a teoria da dádiva de Mauss (1947) revela-se fecunda para a análise da composição de alianças políticas entre candidatos a eleição ou reeleição.

Na política o bem a ser trocado na composição de alianças pode ser o número de votos que o candidato traz consigo seu capital simbólico conformado, sobretudo, pelo prestígio e autoridade que reúne. Ter o que dar é estratégico na construção do renome dentro de um partido, como também saber receber. Segundo Mauss (1974), aquele que recusa a dádiva ofertada tem seu prestígio ameaçado; dar é um convite à aliança, receber equivale a aceitá-la, e retribuir corresponde a aceitar.

As trocas, analisadas sobre a lógica do "Ensaio sobre a dádiva" (MAUSS, 1974), constitui o ponto de partida para a discussão do mecanismo de reciprocidade cujo caráter supra-econômico é traduzido em poder, prestígio etc. Essa discussão foi levada adiante por Lévi-Strauss (1974), discípulo de Mauss, que se dispôs a explorar a importância das trocas simbólicas na organização da cultura, as quais definiu como uma estrutura de reciprocidade que transcende os atos de troca, cuja dádiva remete à sua retribuição. Por sua vez, Bourdieu (1977) acrescentou o que ao seu ver, faltava às análises de Mauss (1974) e de Lévi-Strauss.

A obrigação tripartite de dar-receber e retribuir, que constitui a base do sistema do dom é fonte de muitos questionamentos na medida que o movimento da circulação dos bens em favor da instituição do vínculo social, extrapola tanto a obrigação coletiva, como escapa da mera liberdade individualista. Do mesmo modo a dádiva escapa do interesse egoísta e do altruísmo, abrindo-se para experiências paradoxais a cada momento em que se faça a doação, a recepção e retribuição de algo [...] (MARTINS; CAMPOS, 2006, p. 9). Este ciclo ganha sentido se retomarmos a idéia de virtude presente nas coisas trocadas, afinal há muito mais em jogo do que a materialidade, uma vez que na dádiva, a coisa trocada constitui veículo de

expressão pessoal, deve ser entendida pelo seu caráter qualitativo reforçado pela afirmação de Lévi-Strauss (STRAUSS,1982, p. 99) "na troca há algo mais do que coisas trocadas".

Ao constituir alianças partidárias e coligações, ocorre a troca de prestígio político, elemento simbólico presente no processo de troca, onde votos são trocados, e podem favorecer um determinado partido na arena política, criando obrigações e laços. Do ponto de vista de interação social a troca possibilita uma quebra de tensão, instaurando um clima de cordialidade. A "[...] exigência de retribuição, sob pena de instaurar um ambiente hostil, dá início a “uma cascata de vínculos pessoais”, gerando outras "ofertas", entre as quais a conversa (COELHO, 2006, p. 27)”.

No período que antecede as eleições, as conversas, na medida que superada as tensões iniciais, passam de conversas particulares para reuniões, de reuniões para plenárias e assim sucessivamente, possibilitando a criação de um cenário propício ao estabelecimento de alianças, tanto pessoais quanto políticas, isto é, a consolidação e criação de possíveis amizades e troca de favores. O ato de falar constitui um procedimento social que pode estar inserido em um contexto de trocas e dívidas recíprocas (CAILLÉ, 2002). O entendimento da conversa como um tipo de dádiva, onde se encontra implícito a troca de informações, no meio político pode ser identificada como “conchavo”.

Em sua discussão sobre "teoria e prática" Bourdieu (1977) retoma sua crítica a Mauss e Lévi-Strauss. "Se o sentido último da coisa dada é um ‘[...] convite à parceria’, uma proposta de estabelecimento de um vínculo entre doador e donatário, seu significado só se concretiza na reação do donatário, ainda que sob a forma de recusa (COELHO, 2006, p. 28)”. Para Bourdieu (1977, p. 5), entre outras coisas, era importante ressaltar "[...] o papel determinante do intervalo temporal entre a dádiva e a retribuição, o fato de que, em praticamente todas as sociedades, admite-se tacitamente que não se devolve no ato o que se recebeu, ato que implicaria em uma recusa". A estrutura temporal da troca é o que torna possível a coexistência de duas verdades opostas, o intervalo necessário entre a dádiva e a contra-dádiva, seria o que permite a conciliação entre as duas visões. O tempo decorrido entre o receber e o retribuir diluem o caráter coercitivo da troca, facultando-o viver como espontâneo um ato que, se retribuído imediatamente, seria vivenciado como obrigatório. Isto ocorre porque o sistema de dádiva supõe uma incerteza quanto à forma e ocasião da

retribuição, incerteza que faculta sua vivência espontânea e desinteressada. Assim incerteza e intervalo completam-se para diferenciar a dádiva do escambo e do contrato (BOURDIEU, 1977, p. 29).

Outro aspecto importante do pensamento de Bourdieu (1966, p. 12) diz respeito a sua dificuldade de aceitar o interesse e o cálculo como motivação, inconcebível, ao seu ver, por se tratar de um "[...] ato situado para além da distinção entre obrigação e liberdade, escolha individual e pressão coletiva, desinteresse e interesse [...]". Para sustentar cientificamente seu raciocínio, Bourdieu desenvolveu um conceito central, para o entendimento da forma como a troca se processa. O conceito de disposição, ou seja, de como as estruturas são incorporadas pelos agentes que orientam suas ações.

A noção de disposição integra o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu (1977), uma das noções essenciais para entender a análise proposta na pesquisa sobre a dinâmica das representações no universo político e a forma como se mobilizam os interesses para formação de vínculos, na medida que possibilita a síntese entre modelo e experiência. Nessa linha de reflexão Bourdieu (1977) propõe que a maior parte das ações humanas tem por base algo diferente da intenção, isto é, disposição adquirida que permite que a ação possa ser tanto interpretada, como orientada em direção a tal fim, sem que se possa, entretanto, dizer que ela tenha por princípio a busca consciente desse objetivo. Trata-se de um auto-engano individual sustentado por um auto-engano coletivo (MAUSS, 1974), uma vez que o ato de doar se encontra ancorado em uma suposição do doador, de que será compreendido e recompensado.

O doador aposta, e essa aposta tem início em um processo psicológico, no qual se encontram interiorizadas as regularidades do jogo, processo que dispensa norma escrita e conduz automaticamente o doador a fazer o que acha que deve fazer, no momento que é preciso, momento que os sujeitos, candidatos a deputado e federal passam a agir como jogadores, apostando com a finalidade de estabelecerem vínculos que tragam sustentabilidade a rede social que fundamenta o projeto político de cada um dos candidatos.

Assim a troca de dádivas concebida como paradigma da economia de bens simbólicos, opõe-se ao toma lá, dá cá da economia econômica, já que não tem como princípio um sujeito calculista, mas um agente socialmente predisposto a entrar no jogo da troca (BOURDIEU, 1996. p.164-5). No jogo da troca que se estabelece para fundar o vínculo, o interesse econômico deve estar em estado implícito ou enunciado por eufemismo, que é a linguagem de

recusa, que nos permite dizer tudo, dizendo o que não dizemos (BOURDIEU, 1996). Com base na reflexão sobre o trabalho simbólico (BOURDIEU, 1996) buscou-se fundamentação crítica para a análise da ordem social política, principalmente no tocante aos casos de corrupção que agitaram o cenário político nacional, nos anos 2005 e 2006, período que compreende a campanha para deputado federal e estadual foco da pesquisa. Bourdieu entende a prática do eufemismo, "como uma espécie de homenagem que prestamos à ordem social aos valores que a ordem social celebra, mesmo sabendo que está destinada a ser ridicularizada" (BOURDIEU, 1996, p.165). Outra característica ressaltada por Bourdieu (1996, p.168) diz respeito à natureza dos vínculos, mais precisamente de como se forma essa natureza: Para vinculá-lo, é preciso encantar a relação de dominação e de exploração, de modo a transformá-la em relação doméstica de familiaridade, através de uma série contínua de atos adequados a transfigurá-la simbolicamente, eufemizando-a. Esse procedimento de formação de vínculos conforme a lógica da economia de bens simbólicos e a alquimia que transforma a verdade das relações de dominação do paternalismo descrito por Bourdieu (1996), pode ser encontrado nos núcleos de relacionamento que compõem a sociedade. Para que a alquimia funcione como transfiguradora da verdade objetiva de uma relação como na troca de dádiva, é preciso que esta relação receba sustento de toda estrutura social. Essa estrutura extremamente complexa é edificada a partir de um jogo refinado de doações, aceites e retribuições, que acabam por desencadear princípios de percepções armazenados no nosso inconsciente cultural. O prestígio social (BOURDIEU, 1965) está na esfera do político, e o sistema de valores se encontra presente em diversas esferas da vida social, nas quais se naturalizam certos códigos, através de um enraizamento de categorias de percepções e visões do mundo. Nas sociedades patriarcais de origem tribal, a figura masculina somada ao direito de primogenitura, confere aos indivíduos portadores dessas e outras características, a aura de líder. O sentimento de honra ou o prestígio social estão na esfera do político e certas pessoas se destacam mais socialmente do que outras (BOURDIEU, 1965). A lógica da política de reputação, das relações múltiplas, em que não há apenas um interesse em questão na relação entre indivíduos, e na noção de configuração do poder, possibilita se desenvolver uma análise sobre os jargões políticos como "cacique" e "padrinho", protótipos de representantes do que Holanda (1995), definiu como o "homem cordial".

O livro *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995) trata a questão da cordialidade como uma contribuição brasileira para a civilização, cordialidade que define o caráter desse homem, "na medida que permanece fecunda e ativa a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal" (HOLANDA, 1995. p. 146), expressão legítima de fundo emotivo extremamente rica e proporcionalmente distante de qualquer noção ritualista da vida. "Não era fácil para os detentores de responsabilidades, formados pelo ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público" (HOLANDA, 1995, p.145). A cordialidade é relativa à esfera privada, enquanto a civilidade diz respeito à esfera pública.

O homem cordial brasileiro, quando no exercício de uma função política ou administrativa, carrega traços do patrimonialismo. O legado da cordialidade tem reflexos na política nacional, principalmente na forma como o brasileiro processa a escolha dos seus representantes, para o exercício de funções públicas. Essa escolha faz-se de acordo com a confiança pessoal que merecem os candidatos e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias. Falta a tudo a ordenação impessoal e a gestão política apresenta-se como assunto de interesse particular, estreitando o caminho que confunde o que é público com o que é privado. A abordagem da questão do homem cordial como referência teórica para a pesquisa se fazem pertinentes por perspassar os dois paradigmas que sustentam os seus conceitos norteadores.

A cordialidade brasileira tem aderência ao paradigma de dádiva, quando Holanda (1995, p. 147) afirma que "nenhum povo está mais distante da noção ritualista da vida". É espontânea como forma ordinária de convívio social e acontece desinteressadamente tal qual a dádiva; apresenta aderência ao conceito de economia dos bens simbólicos, em virtude da modalidade da família patriarcal, composta por círculos fechados e poucos acessíveis a uma ordenação impessoal, esfera por excelência dos chamados contratos primários, dos laços de sangue e de coração.

Para Godelier (2001) a dádiva encontra-se presente na consciência dos sujeitos. O bem doado pode "[...] servir de suporte material de projeções imaginárias, podendo materializar relações sociais e sistemas de pensamento, e a função do imaginário fornecer uma visão aureolada, uma autoridade de origem obscura marcada pela mão humana (GODELIER, 2001, p. 207)".

A releitura feita por Godelier do pensamento de Mauss (1974) e Levi-Strauss (1974) traz subsídios para análise da influência da imagem na forma como se constituem os vínculos de motivação política no âmbito dessa pesquisa.

Gobbout e Caillé (1999) atestam a importância das relações de dádiva no livro "O Espírito da Dádiva", e estabelecem o seu vínculo com as relações de gratidão manifestas em gestos e atitudes do cotidiano de cada indivíduo. O fato de o homem moderno ser realista capacita-o, a saber, o que se esconde por trás da dádiva, possibilitando a compreensão de questionamentos e afirmações como: "Dádiva? Isso não é coisa séria. Você quer estudar a caridade, a beneficência?" (GODBOUT, 1999, p. 12).

A magia da dádiva, segundo Godbout (1999, p.13), reside na presença de regras não-formuladas, cuja origem deriva do implícito (espaço que resguarda a dádiva de se transformar em equivalência), possibilita que o "vínculo social obedeça regras que não mantêm com a lógica econômica senão uma relação estranha e paradoxal". A dádiva, antes de qualquer coisa, serve para estabelecer relações, oculta um pedido de contradádiva, que uma vez aceita, gera um sentimento de obrigação, segundo Mauss (1974), uma livre obrigação.

A proposta de Godbout (1999) de buscar o que se dissimula por trás das aparências (a partir de uma nova leitura da modernidade menos utilitarista e estruturalista), adequa-se à observação e análise de como acontece a formação dos vínculos de motivação política.

"A verdadeira questão não é a do desinteressamento, a pureza ou da impureza do dom, nem a intenção do doador, querer saber o que poderia levar os sujeitos humanos a doarem. É o de saber a quem doar" (CAILLÉ, 2006, p. 63). A afirmação aponta para a necessidade que o doador tem de saber em quem ele está apostando, de forma que as possibilidades do vínculo se estabelecer como uma livre obrigação, aonde o dar, o receber e o restituir aumentem e tenham continuidade.

Essa leitura atenta do jogo que determina os vínculos permite que, na medida que os papéis instituídos passem por alterações, o doador se resguarde das dúvidas de quem deve ser o beneficiado da dádiva, no novo mapa de vínculos que se desenha a partir das fronteiras da sociabilidade que se dilataram, trazendo inimigos que passam a ser aliados e amigos, constituindo um novo sujeito coletivo (CAILLÉ, 2006, p. 63).

No panorama de uma pequena sociedade simbolicamente sólida onde papéis e *status* estão claramente definidos, naquilo que Bordieu chama de uma sociedade de honra bem

formada, que poderíamos chamar de uma sociedade de pessoas, a questão é mais facilmente resolvida.

A abordagem da pesquisa em relação aos vínculos de motivação política, no tocante ao seu limite espacial, tem como eixo o poder municipal em uma determinada cidade do Estado de São Paulo, no papel de avalista dessas relações. Os fatores que mantêm esse poder diante de riscos aos quais estão expostos, na medida que essa sociedade degrada, está na força e na mobilidade da dádiva que sustenta a teia de sociabilidade.

O conhecimento científico existente sobre hospitalidade vem sendo elaborado pelos diferentes campos das ciências humanas, a partir de um conjunto de disciplinas, que constituem uma realidade interdisciplinar. No campo da interdisciplinaridade, as fronteiras são difusas, exigem uma aproximação cuidadosa entre as questões teóricas e a realidade vivida. Observar como se estabelecem os vínculos entre os candidatos tanto para o poder legislativo estadual quanto para o poder legislativo federal, no âmbito intrapartidário e interpartidário, nas eleições de 2006, em um determinado município do Grande ABC Paulista, é a proposta dessa pesquisa, cuja metodologia adotada foi a da observação participativa, de forma a acompanhar os candidatos em uma série de eventos, cujo perfil foi determinado previamente. Esse caminho metodológico contemplou ainda a análise diária dos jornais, Diário do ABC e O Estado de São Paulo e realização de entrevistas com os candidatos.

A realização da entrevista teve por objetivo entender a forma como acontece a aliança entre dois candidatos de partidos diferentes, a cargos diferentes, em torno de um mesmo objetivo, o aumento do percentual de votos.

Operacionalmente, circunstâncias que envolveram o cenário político atípico desse ano eleitoral, comissões parlamentares de inquéritos, mudança de legislação, indefinição de candidatos a cargos majoritários, brigas dentro dos partidos no tocante ao lançamento de candidaturas para esses cargos, com nomes indicados pelos próprios partidos, ou frutos de coligações partidárias, atrasaram todo tipo de decisão e, conseqüentemente, modificaram o cronograma inicial da pesquisa de campo, que tinha por objetivo observar os eventos pré-campanha. Essa indefinição não chegou a paralisar a pesquisa de campo, pelo contrário, apenas prolongou seu tempo de duração, até setembro, com o término oficial da campanha, dias antes da eleição marcadas para primeiro de outubro.

O método de observação e participação sistemática nos eventos e reuniões dos dois candidatos implicou em acompanhá-los aos seus respectivos comitês eleitorais, nas reuniões de trabalho com as equipes internas, nas reuniões do partido, nas reuniões interpartidárias e eventos de motivação política.

O desafio da pesquisa residiu na tentativa de identificar a dádiva na formação dos vínculos partidários e nas alianças estabelecidas com candidatos de outro partido, as chamadas dobradas. Para melhor compreensão da dinâmica desse mecanismo político de composição de alianças, realizou-se a leitura e análise das matérias nos periódicos com circulação na região do Grande ABC e no Estado de São Paulo.

A pesquisa qualitativa de observação participativa fundamentou o acompanhamento do período de agosto de 2006 a final de setembro de 2006, três dias antes do primeiro turno das eleições para, os cargos majoritários, de Presidente da República, Governador de Estado, e Senador. Destaque-se a importância do acompanhamento dessas candidaturas para a análise da formação das alianças necessárias para composição da rede de sociabilidade das candidaturas para deputado estadual e federal, e a influência das mesmas, nos rumos das respectivas campanhas e as conseqüências nos resultados das urnas, e na reestruturação do atual quadro político regional.

Os meses de junho e julho de 2006, normalmente meses que os candidatos já estariam na rua, foram dedicados a reuniões, na sua maioria, de caráter reservado. Essas reuniões, nas quais, dificilmente teria acesso enquanto pesquisadora, não foram consideradas, desde o início do planejamento da pesquisa de campo, como alvo de observação, uma vez que, o objetivo principal da pesquisa era analisar a presença da dádiva em forma de hospitalidade, na fundação dos vínculos políticos dos candidatos escolhidos e seus pares, em eventos de capacitação de coordenadores e colaboradores das campanhas.

As conseqüências desses dois meses de indefinição do cenário político nacional, foram graves para o estado de São Paulo. A disputa pelo poder no seio do partido X, envolvendo os caciques nacionais e regionais, e os reflexos dessa disputa nas coligações interpartidárias de apoio às candidaturas à Presidência da República e Governo do Estado, acarretaram dificuldades, em especial, para a definição e constituição da dobrada de candidatos. O resultado desse momento político obrigou os dois candidatos a se dedicarem mais ao corpo a corpo, trabalho que exige tempo, tempo esse reduzido a dois meses (agosto e setembro).

Conforme o discurso do candidato à reeleição, o candidato deputado estadual, candidato 1 pelo partido X, nos 16 eventos observados, a campanha eleitoral foi: "A campanha dos quatro Ss: Sorriso, Saliva, Suor e Sola de Sapato" , “Lugar de candidatura é na rua” (SANTA RITA, 2001, p. 231)

Nos meses de junho e julho, a pesquisa de campo se restringiu à observação, na busca de desenvolver um olhar atento e registrar todas as impressões. Como essa fase, não constava no cronograma inicial de trabalho, decidiu-se por um observar dentro das categorias de análises da hospitalidade e dádiva, pré-estabelecidas a partir das leituras de Godbout (1999), Grinover (2006) e Camargo (2004).

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom**. São Paulo: Maná, 1996.

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismos metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências**, Out.1998.

CAILLÉ, A.; GRAEBER, D. Introdução. IN: MARTINS, P.H. (org). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2002, p. 17-32.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. In: Revista Hospitalidade. Art.III O Evento no contraponto do Cotidiano. Ano I, número1 – 2º semestre 2004.

COELHO, Maria Cláudia. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 108p.

DURKHEIM, E. **A divisão social do trabalho**. Lisboa: Presente, 1977.

FRANCO Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil – 2º ed.** – São Paulo: Alfa-Omega, 1974.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Edição Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRINOVER, Lucio. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. In: Revista Hospitalidade. Art.II A hospitalidade urbana, acessibilidade, legibilidade e identidade. Ano III, número 2 – 2º semestre 2006.

LAFER, Celso. **O sistema político brasileiro: estrutura e processo**. São Paulo:



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na independência 1821-1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Paulo Henrique e CAMPOS, Roberta Bivar C. **Polifonia do dom**. Recife: UFFE, 2006.

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. 1899. **Sobre o sacrifício**. / Marcel Mauss e Henri Hubert – tradução Paulo Neves. São Paulo: Coscanaf, 2005.

MAUSS, Marcel. **O ensaio sobre a dádiva**. 1925.

SANTA RITA, Chico. **Batalhas eleitorais: 25 anos de marketing político**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.